



HISTORICIDADE DO FEMININO: UMA ABORDAGEM DE GÊNERO EM NARRATIVAS DA GRÉCIA ANTIGA

Bruna Gonçalves de Barros

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista CAPES

Renato Viana Boy

Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

renato.boy@uffs.edu.br

1. Introdução

A proposta pesquisa de gênero em História Antiga tem como interesse perceber o uso de fórmulas mágicas a partir das feiticeiras Circe e Medeia (personagens descritas em Homero e Eurípedes) em comparação ao saber utilizado por mulheres estrangeiras que circulavam pelo espaço da Atenas clássica. Assim, objetivando uma análise historiográfica das fontes literárias, busca-se debater sobre gênero e alteridade.

A fonte do trabalho corresponde a dois livros: *Odisseia*, de Homero (750-650 a.C.) dentre os Cantos que se obtém informações sobre Circe mais detalhadamente no X; e a tragédia intitulada *Medeia*, de Eurípides (480-406 a. C.). Ambos os livros são versões bilíngue (grego-português) da Editora 34, com tradução de Trajano Vieira. Considerando as obras e as figuras femininas representadas, a análise compara às mulheres estrangeiras na *pólis* ateniense entre os séculos V e IV a.C., recorte espacial e temporal do tema.

Numa análise sobre narrativas literárias, como as personagens míticas Circe e Medeia, em comparação às estrangeiras em Atenas, podem contribuir para a compreensão das relações de gênero na Grécia Antiga, especialmente a partir do uso de fórmulas mágicas associados a elas? A partir disso, outras questões secundárias se desdobram: Como aplicar o conceito de gênero a civilizações pré-modernas? E ainda, como compreender as implicações sociais e simbólicas das práticas mágicas nesse contexto?

Para lidar com a questão, o trabalho parte do objetivo geral de analisar a relação existente entre mulheres míticas de fontes literárias e estrangeiras da Atenas clássica, para compreender a realização das práticas mágicas, assim como seu uso e necessidades. Para isso, a pesquisa objetiva apresentar e analisar as personagens Circe e Medeia, conforme



descritas nas fontes, destacando suas características e simbolismo. Igualmente, discutir a prática de fórmulas mágicas entre as mulheres estrangeiras na relação com o corpo feminino e as necessidades medicinais, aplicar o conceito de gênero para o feminino antigo dentro das suas possibilidades, assim como identificar e analisar implicações das práticas mágicas realizadas por mulheres estrangeiras, percebendo tipos femininos.

Portanto, o estudo se justifica principalmente a partir do que coloca a historiadora Joan Scott após apresentar sua definição do conceito de gênero, ao final do texto, quando aponta como "a exploração dessas questões fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas sobre velhas questões [...], redefinirá velhas questões em novos termos" (Scott, 2017, p. 93). Assim, ela chama atenção para a importância do esforço envolvido em trabalhos que se dedicam para a contribuição dessa nova história, possibilitando uma outra reflexão. Redefinir antigas questões em novos termos se propõe a presente pesquisa ao refletir acerca do gênero feminino enquanto um participante ativo, vide as relações de poder e, justifica-se ainda, na compreensão da influência que os mitos possuem ao moldar percepções na civilização antiga, especialmente sobre papéis atribuídos ao feminino.

Em suma, a pesquisa de gênero que privilegia o feminino é um campo de pesquisa que permanece recente e a aplicação para as sociedades pré-modernas é ainda um campo mais desafiador e pouco explorado. Assim como recorda Pinsky (2019, p. 11): "No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações", num contexto em que afinal deu-se conta que a história das mulheres podia ser escrita, afirmando a consolidação da área acadêmica em sua época. Entretanto, em meio a outros domínios da historicidade e frente a cronologia de inferiorização do feminino, o estudo de gênero permanece um campo recente e desafiador – especialmente quando aplicado em temporalidades longínquas – de modo que Perrot (1995, p. 9), em uma Conferência de 1994, expressa como "escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação".

Enfim, em Pimentel (2014, p. 205) acerca da pluralidade que implica admitir que sociedades diferentes teriam dessemelhantes concepções de homem e mulher, no interior de uma mesma sociedade, as concepções variam por interseccionalidade e, "além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do



tempo, ou seja, o gênero se transforma”. Desse modo, a presente pesquisa apresenta sua função social pela emergência da história escrita através do estudo de gênero, este, que se constitui historicamente e é identificado pela construção social.

2. Metodologia

O presente trabalho adota a abordagem de gênero, combinando análise historiográfica, teórica e comparativa para compreender as representações femininas presentes na literatura grega e sua relação na percepção de gênero e alteridade na Atenas clássica. Através de levantamento, leitura, fichamento e análise, desenvolve-se uma pesquisa sobre gênero em relação às práticas mágicas. Sobretudo, a pesquisa qualitativa aqui proposta percorre passos metodológicos voltados à análise historiográfica das fontes literárias, com enfoque descritivo e comparativo entre personagens fictícias e mulheres estrangeiras, de um mesmo grupo transgressor. Para orientar a análise do presente tema proposto, utiliza-se do conceito de gênero conforme definido por Joan Scott, aplicado dentro das suas possibilidades à antiguidade. Articula-se ainda, bibliografia especializada capaz de contextualizar a civilização antiga e responder questões acerca da compreensão do tema. Portanto, a metodologia, ao abordar as fontes literárias com elementos mitológicos e por meio de uma perspectiva de gênero e alteridade, visa esclarecer de que forma as representações de feiticeiras e estrangeiras refletiam existentes tensões sociais e culturais acerca do feminino e seus tipos, num estudo descritivo-analítico. Em conjunto, a fundamentação teórica que sustenta o trabalho é composta de autores clássicos da historiografia francesa até escritos mais atuais feitos no Brasil, para atingir uma discussão bibliográfica que contempla autores e produções diversos de períodos distintos.

3. Resultados e discussão

Encontramos em Homero (2014, p. 293) a descrição da “ilha de Eeia, lar de Circe de belas tranças, deusa horrída e canora”, multifarmacologista que não consegue enfeitiçar Odisseu. Em Eurípides (2010), Medeia é descrita como terribilíssima, de fúria fulminante, engenhosa de língua hábil, ativa etc., sem deixar de mencionar os fármacos que causam a tragédia da peça. No primeiro caso, Odisseu é instruído por Hermes a fazer Circe jurar não o prejudicar, tampouco desmoralizar ou vilipendiar (p. 301); no segundo,



Jasão profere a fala de “algo impensável entre as moças gregas” (p. 145). Aqui já são reveladas percepções e expectativas de gênero diante das personagens. Segundo Candido,

A tradição poética coloca esse saber como sendo oriundo de Circe e Medeia. No entanto, o seu domínio estendeu-se às mulheres, pela proximidade destas últimas com o manejo de alimentos preparados à base de ervas, raízes e vegetais. Junto com esses preparos, podemos incluir as infusões, as drogas e os filtros, que, devido à sua eficácia de cura e ao seu poder de ação, foram considerados mágicos.

Acreditamos que a ausência de conhecimento específico do funcionamento da natureza feminina fomentou a necessidade das mulheres de dominar o uso das ervas com o objetivo de atender aos seus problemas de saúde (Candido, 2014, p. 156-7).

Nesse sentido, a autora aponta como esse saber atendia as mulheres para problemas menstruais, de ovário, vaginais, provocava aborto ou servia de analgésico no parto. Entretanto, como o uso das ervas e unguentos podia interferir no interesse sexual dos homens ou (em grandes quantidades) levar à morte, a prática se tornava problemática diante do temor ocasionado pelos possíveis resultados (Candido, 2014, p. 158).

Acrescenta-se aquilo que Andrade (2014, p. 119) expõe de dois polos femininos: “um, o modelo de mulher – a boa esposa que os atenienses chamavam de ‘abelha’, *mélissa*; outro, também modelo de mulher, porém totalmente ‘feminina’, fechada em seu grupo à parte”. A esse último, complementado como descendentes de Pandora e solidário com outras pertencentes à sua “tribo” de mulheres, pertence as feiticeiras e estrangeiras.

Considerando a discussão brevemente elucidada acima, espera-se que a pesquisa contribua para o preenchimento de lacunas existentes, participando da dissociação do feminino antigo da ideia de simples submissão masculina e debates acerca da construção de gênero que se constitui historicamente.

4. Considerações finais

Ao final, o presente tema proposto possui contribuições e desafios. Sobretudo, busca-se perceber o feminino em sua presença, historicidade e possibilidades de autonomia ao explorar a aplicação do conceito de gênero dentro das suas possibilidades. Assim, na contribuição da emergência de uma nova história, evidencia-se o gênero em modelos de transgressão e a visibilidade do feminino enquanto participante ativo.

Referências



ANDRADE, Marta Mega de. A “cidade das mulheres”: a questão feminina e a pólis revisitada. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (org.). **Amor, desejo e poder na Antiguidade**: relações de gênero e representações do feminino. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014. p. 111-140.

CANDIDO, Maria Regina. Mulheres Estrangeiras e as Práticas da Magia na Atenas do Século IV a.C.. In: **Amor, desejo e poder na Antiguidade**: relações de gênero e representações do feminino. Organizadores Pedro Paulo A. Funari, Lourdes Conde Feitosa, Glaydson José da Silva. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014. p. 153-169.

EURÍPIDES. **Medeia**. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. Comentário de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Editora 34, 2010 (1ª Edição).

HOMERO. **Odisseia**. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. Ensaio de Italo Calvino. São Paulo: Editora 34, 2014 (3ª Edição).

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres**: relato de uma experiência. Cadernos n. 4, p. 9-28, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/download/1733/1734>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PIMENTEL, Maria Augusta O. A tapeçaria história: gênero e mito. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (org.). **Amor, desejo e poder na Antiguidade**: relações de gênero e representações do feminino. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2014. p. 203-223.

PINSKY, Carla Bassanezi. Apresentação. In: PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 9–11.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2017. p. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro e ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFFS). Também agradecemos ao Laboratório de Estudos Medievais (LEME, núcleo UFFS) e ao Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA/UERJ), pela colaboração no desenvolvimento da pesquisa.